

Aspectos fonéticos da variação linguística- identitária das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo-RJ

*Phonetic aspects of the linguistic identity variation of the rural communities of the 3rd
District of Nova Friburgo-RJ*

Jaqueline de Moraes Thurler Dália *

Instituto Federal Fluminense

Cambuci, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este trabalho se dedicou a investigar, no âmbito da Sociolinguística, a variedade dialetal das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo, partindo da hipótese de que nela havia uma *arquitividade* de fala. Pretendeu-se identificar se a variedade falada pelas famílias agricultoras da região orientava-se para o prestígio ou para a manutenção da identidade, de acordo com os estudos de Labov (2008) e com os preceitos de comunidades de prática e de redes sociais. No que tange ao levantamento de dados, foram realizadas 39 entrevistas com moradores do território analisado. Nos aspectos fonéticos, perceberam-se, no interior friburguense, variações fonéticas identitárias como monotongação, metafoia, principalmente na elevação de vogais temáticas, despalatização e paragoge. Os traços característicos da fala local foram mais recorrentes gradualmente nos seguintes grupos: faixa etária 1, com baixa escolaridade; gênero masculino; estudantes do curso de agropecuária.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Fonética; Identidade.

Abstract: This work attempted to investigate, in the scope of Sociolinguistics, the dialectal variety of the rural communities of the 3rd District of Nova Friburgo, on the assumption that an “*archicomunity*” of speech could be found in it. The aim was to identify whether the variety spoken by the region's farming families was oriented towards prestige or identity maintenance, according to Labov's studies (2008) and the precepts of practicing communities and social networks. Regarding the data collection, 39 interviews were conducted with residents of the analyzed territory. Regarding the phonetic aspects, in the innermost part of Nova Friburgo, phonetic variations were identified as monophthongization, metaphony (especially in the elevation of thematic vowels), depalatization and paragoge. The characteristic features of local speech were gradually more recurrent in the following groups: age group 1 (with low schooling); males; students from the agriculture school.

Keywords: Sociolinguistics; Phonetic Variation; Identity..

* Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail:
jaquelinethurlerdalia@gmail.com



A Revista A Cor das Letras está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

1 INTRODUÇÃO¹

Este trabalho se dedicou a investigar, no âmbito da Sociolinguística, a variedade dialetal de comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo. Os bairros ou aglomerados (CANDIDO, 2010; COMERFORD, 2005; FRAZAO, 2015; OLIVEIRA, 2011) foram identificados seguindo os critérios de ruralidade descritos pelos próprios entrevistados, a saber: a necessidade de a maior parte da população local trabalhar em atividades ligadas à agropecuária; a típica disponibilidade da infraestrutura de serviços, principalmente públicos e de comércio, no bairro onde residem; a existência de laços afetivos entre os moradores da localidade; e a manutenção de padrões comportamentais dos habitantes identificáveis por oposição ao centro urbano. Sendo assim, a pesquisa de campo se concentrou nos seguintes locais: Barracão dos Mendes; Salinas, Alto de Salinas e Patrocínio; Santa Cruz e Centenário; Três Picos e Jaborandi; Baixada de Salinas e Campestre; São Lourenço, São Felipe e Fazenda Schuenck.

Partiu-se, portanto, em uma microanálise, da seguinte compreensão: tal território se constitui de várias *comunidades de prática* (ECKERT E McCONNELL, 2010; SEVERO, 2007), já que nele se encontram inúmeros grupos que se organizam por afinidades e objetivos em comum, como o caso das associações de moradores e agricultores e as capelas e/ou congregações evangélicas existentes em cada um dos aglomerados; e que há ali uma *rede* mais ou menos complexa (BORTONI-RICARDO, 2011), devido a presença desses agrupamentos e das relações de amizade e parentesco estabelecidas entre os moradores. De um ponto de vista macroanalítico da variedade local, pode-se entender que essa é uma *comunidade de fala* (LABOV, 2008), uma vez que compartilha vários aspectos identitários da língua. Todavia, não se nega que mesmo em uma determinada variedade há variação e que ela pode ser, muitas vezes, negociada, sendo por isso não homogênea. Diante dessas considerações, infere-se que o conjunto forma uma *arquicomunidade* (ECKERT E McCONNELL, 2010), visto que o espaço rural do 3º Distrito, por conta de suas características geográficas, sociais e vernaculares, funciona identitariamente como uma *comunidade guarda-chuva* (ECKERT E McCONNELL, 2010, p.104), abarcando todas as outras possíveis organizações que nele residem. Além disso, perceber a região sob o prisma da coletividade e da diversidade de *comunidades de prática* permite, inclusive, admitir sua própria heterogeneidade linguística, o que antes era menos valorizado pela concepção de *comunidade de fala*.

A partir das acepções apontadas, buscou-se, então, levantar elementos linguísticos que permitissem considerar aquelas comunidades como usuárias de uma mesma variedade, ainda que admitindo sua oscilação. A proposta não foi manipular uma única variável, mas reunir aspectos identitários da fala dos moradores, levando em conta que os usos do idioma são fatores constituintes de perfis coletivos e individuais. Como salienta Bortoni-Ricardo, qualquer produção de enunciados é um ato de identidade e, ao passo

¹ Este artigo é uma pequena parte da tese “*Pode chegar, só menina*”: entre conversas, aspectos linguístico-identitários das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo-RJ, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. André Crim Valente.

que os falantes circulam pelos espaços sociolinguísticos e pelos multiterritórios, eles vão lançando mão da variação da língua, manifestando seu vasto número de representações (BORTONI-RICARDO, 2011) e marcando diferentes dimensões sociais identificatórias (BORTONI-RICARDO, 2005). Para a autora, as peculiaridades de usos dos sistemas da língua demarcam objetivamente a identidade do falante, possibilitando, com isso, a identificação de sua origem, especialmente geográfica, pelo sotaque ou pela utilização de expressões típicas, porém não apenas elas indicam marcas identitárias, mas também os aspectos de cunho ideológico ou psicossocial² (BORTONI-RICARDO, 2014).

Em se tratando de comunidades rurais, como bem coloca Labov, “a identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante e difícil de conquistar.” (2008, p. 342). De acordo com sua conclusão sobre as pesquisas em Martha’s Vineyard, mais do que qualquer categoria ou abstração social, as mudanças linguísticas encontradas na ilha, no estado de Massachussets, eram uma afirmação de identidade contra “os forasteiros” (LABOV, 2008, p. 343), os homens do continente, que se dirigiam ao local para passar os verões. Entretanto, esse pertencimento e essa identidade quando expressos linguisticamente fora do local, normalmente eram (e são) ridicularizados ou estigmatizados.

No caso do *lôcus* da pesquisa e de suas comunidades de prática, ou de sua *arquicomunidade*, parece haver entre os habitantes dos bairros analisados uma forte identidade regional. A identificação se estende aos usos linguísticos que mantêm o traço rural, mesmo que os falantes tenham contato com comunidades urbanas e meios de experimentar a fala padrão. Isso não parece ser impeditivo para a manutenção da variedade dominada por eles, no entanto também não se pode controlar a influência de outras variedades. Em hipótese, parece haver, no espaço e no território deste estudo, fortes traços linguísticos que demarcam a identidade local de seus falantes, como, por exemplo, as variações fonéticas – monotongação, metafoia, principalmente na elevação de vogais temáticas, despalatização e paragoge. São esses fenômenos que serão o alvo da análise apresentada aqui.

2 METODOLOGIA

Para indicar a existência de uma *arquicomunidade* de fala identitária entre os agricultores do 3º Distrito friburguense, sabia-se que as amostras deveriam representar todo o território rural da localidade que contava, consoante as informações dos moradores, com os 6 núcleos comunitários já apresentados. Assim, os 39 informantes que forneceram material de áudio para a pesquisa residiam nessas localidades e tinham como fonte maior de subsistência a agropecuária e, na medida do possível, participavam de

² Segundo Bourdieu (2010, p. 112-213), critérios objetivos de identidade, como língua, dialeto ou sotaque, são propriedades simbólicas de emblemas ou estigmas e, na prática social, funcionam como objetos de representações mentais (de percepção e apreciação, de conhecimento e reconhecimento) em que se investem interesses e pressupostos (materiais e simbólicos) dos grupos portadores, e de representações objetivas (coisas ou atos) com vistas a manipulação simbólica para determinar as representações mentais para os outros grupos.

alguma (ou algumas) *comunidade de prática* da região, que os permitiam seguir modelos de comportamento e manter interações pessoais com propósitos em comum, o que garantia relações de identidade. O último quesito se confundiu com a questão territorial, uma vez que, com mais ou menos frequência, todos os entrevistados eram membros das associações de moradores/agricultores dos aglomerados rurais descritos. Dessa forma, os próprios conjuntos geográficos configuravam as comunidades de prática da *comunidade guarda-chuva*.

Freitag (2017) classifica esse tipo de seleção para amostragem de fala, tão comum nas investigações variacionistas brasileiras, como: não aleatória (i) por julgamento (ii), pois: (i) as chances de todos os falantes de uma mesma população serem selecionados para a amostra não é a mesma e havia um contato prévio entre pesquisador e informante, ou seja, os interlocutores não eram desconhecidos; e (ii) havia alguns critérios já estabelecidos que nortearam a escolha de boas fontes, facilmente identificáveis devido a familiaridade com o campo de pesquisa. O contato com a região foi estabelecido pela relação entre professor/pesquisador – alunos e famílias/informantes, que determinou, portanto, o colégio local como intercessor entre os sujeitos envolvidos. Tal interação foi primordial para a constituição da amostra, uma vez que os interlocutores mantinham uma afinidade que garantiu a receptividade, a informalidade e a confiança necessárias para o andamento das investigações e da obtenção de informações etnográficas, tanto com as pessoas mais velhas quanto com as mais novas. Assim, o requisito fundamental da condição de pesquisador-observador (TARALLO, 2007, p.20) ou da constante observação participante (LABOV, 2008, p. 63 e p.245) foi preservado.

Entretanto, como se considerava a existência de comunidades de prática (e daí todas as premissas que tal conceito carrega) e o que se pretendia era dar um tratamento qualitativo aos dados, o que será apresentado aqui não parte de um rigoroso trabalho estatístico com grandes estratificações, mas sim de um levantamento dos aspectos fonéticos que representam a identidade linguística da região. Como modo de apresentação e exame, buscou-se, para uma melhor compreensão e assimilação, organizar os fenômenos encontrados a partir da consideração dos metaplasmos contemporâneos elucidados por Botelho e Leite (2005), uma vez que eles servem tanto à análise da variação quanto à da mudança linguística, pois “continuam agindo e transformando a Língua Portuguesa” (BOTELHO e LEITE, 2005, p. 1). Essas características representam uma síntese do que foi pesquisado em tese de doutorado da autora e que, em outras empreitadas, pode servir também como base para um futuro estudo quantitativo, o que não se coloca nestas páginas.

Durante a pesquisa, e até mesmo antes de sua formalização, procurou-se frequentar os encontros coletivos da comunidade com a finalidade de confrontar as hipóteses investigativas e de perceber como a organização dos indivíduos se dava, fazendo, portanto, o trabalho se aproximar de um caráter etnográfico. Mas, para fins de registro e para garantir a clareza dos objetivos e o total consentimento da participação dos informantes, optou-se por formar o *corpus* de análise por meio de entrevistas individuais ou familiares gravadas, anteriormente combinadas com os moradores. Para tanto, o roteiro-guia foi organizado em 5 blocos, que primavam por possibilitar os discursos

subjetivos, as impressões particulares e as experiências pessoais (TARALLO, 2007). No primeiro, buscou-se definir a localidade geograficamente, de acordo com a compreensão do entrevistado. No segundo e no terceiro, procurou-se caracterizar a população, seus modos de convivência (CERTEAU, 2008) e traçar o perfil cultural, a participação dos informantes nos espaços compartilhados e o nível de engajamento deles nesses eventos. No quarto, o inquérito assumiu um caráter mais individual. Por fim, o último módulo foi dedicado a reflexão metalinguística.

No que se refere à transcrição das audiências, entende-se que a escolha por um paradigma já indica “uma teoria que norteia muitas decisões a serem tomadas durante o processo. De certa forma (...), a transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados” (PAIVA, 2007, p. 135). Aqui, as regras seguidas foram as compiladas por Gago (2002). Elas seguiram o modelo ortográfico adaptado e não o fonético, ou seja, os registros respeitaram a ortografia oficial, mantendo as características da fala coletada, pois,

do ponto de vista prático, é pouco desejável estabelecer como meta uma descrição fonética detalhada de grande massa de dados. Quando nos propomos a trabalhar com muitas horas de gravação de uma variedade linguística, podemos, no máximo, fornecer indicações de aspectos fonéticos que, no caso de constituírem objeto de interesse para outros pesquisadores deverão ser criteriosamente revistos. (PAIVA, 2007, p. 136-137).

O empenho era transcrever literalmente apenas as marcas específicas da variação local. Assim, em situações cuja fonética não corresponde ao símbolo gráfico, mas é comum em todo território nacional, como o *_e* final com som de *_i*, optou-se pela grafia original da palavra. Objetivou-se, assim, manter um sistema mais simples e de fácil compreensão por todos os que tiverem acesso ao material transcrito, visto que “é interessante projetar que tais gravações poderão ser utilizadas em pesquisas futuras, pelo mesmo pesquisador ou por outros, de modo que se recomenda uma transcrição mais ‘neutra’.” (OUSHIRO, 2014, p. 130).

3 ANÁLISE DOS ASPECTOS FONÉTICOS RECOLHIDOS

Em grande parte das pesquisas sociolinguísticas diatópicas e diastráticas, percebe-se a convergência entre a variedade rural e aquela já consagrada como o Português Brasileiro Popular que se opõem à norma considerada culta. O falar popular é, pois, constantemente associado ao iletrado e, conseqüentemente, o mesmo ocorre com o rural, como coloca Bortoni-Ricardo na descrição de seus dados dos migrantes rurais em Brazlândia, DF: “Entre elas [as regras fonológicas], algumas são específicas dessa variedade, mas a maioria está presente no falar caipira e nas variedades urbanas desprestigiadas.” (2011, p.57).

Essa concordância pode ser notada ao analisar algumas compilações dos principais aspectos dessas variedades. Em relação ao Português Popular, suas principais características podem ser encontradas no compêndio apresentado por Ataliba de Castilho (2012) em sua “Gramática do Português Brasileiro”. Já no que se referem às descrições que se debruçam sobre os traços do falar rural, são observados fenômenos dos mais

variados tipos, mas que mantêm inúmeras características de interseção entre os estudos e entre os dados, o que parece indicar uma similaridade nas variações rurais distribuídas em território nacional.

Nesse sentido, a variação fonética é a mais explorada e, portanto, com maior número de possibilidades teórico-comparativas. Bortoni-Ricardo (2011, Cap.3), ao priorizar tal campo, elencou as características comuns às variações rurais e conseguiu, com isso, sintetizar o que pode ser percebido em outros trabalhos. Em resumo, o rol é o seguinte:

- Tendência a sílabas abertas: monotongação dos ditongos decrescentes (otro); desnasalização (bença; viage); apagamento de consoantes finais (fazemu).
- Tendência para as paroxítonas: redução dos ditongos crescentes (negoço); redução das proparoxítonas (chacra).
- Processos que afetam as líquidas: 1) almoço > armoço; 2) garfo > galfo; 3) planta > pranta; 4) outro > otu; 5) milho > mio.
- Mudanças esporádicas de vogais: elevação das vogais pretônicas (intindidu; suzinhu); hipercorreção (enteressante, osina); arcaísmos (premeru); preservação de formas dialetais do século XVI (antão, pricurá); mudança da vogal tônica (vevi, assesti, habitoa, truxi).
- Outros aspectos: prótese (alembirá); nasalização da vogal oral inicial (inxemplu, ansim; por assimilação, inducação); metátese (pruque, percisá); epêntese (dispois); aférese (cabou, ranca, gnorante); assimilação (falanu, querenu, tamein).

No que diz respeito aos fenômenos fonéticos encontrados nesta pesquisa, optou-se por não destacar nem transcrever aqueles que são comuns ao português falado em grande parte do território nacional, ou ainda aquelas características típicas do falar fluminense de um modo geral. Assim, não foram considerados na análise aspectos como: a ditongação seguida de sibilante como em *faiz* e a palatização das consoantes oclusivas dentais *t* e *d*, realizada na maior parte do estado do Rio de Janeiro; e o fechamento das vogais finais *_e* e *_o*, como em *denti* e *caru*, comum em grande extensão territorial brasileira.

Preferiu-se também apresentar realizações e recorrências de fenômenos compreendendo toda a heterogeneidade da amostragem, mesmo que os exemplos, por vezes, se repetissem. No artigo, há uma síntese de exemplos daquilo que foi encontrado no campo, sem a intenção de quantificá-los, pois o objetivo do trabalho não era controlar variáveis, mas sim ilustrar o perfil linguístico da região. Contudo, algumas observações em relação à frequência dos registros foram feitas devido ao cunho etnográfico da pesquisa, que permitiu uma observação de forma muito cotidiana. Enfim, puderam-se constatar os seguintes mecanismos atuando como identitários na variedade local e funcionando como símbolos de uma *arquicomunidade* de fala, já que foram encontrados em todas as comunidades analisadas:

3.1 AFÉRESE

A aférese é uma mudança fonética que consiste na supressão de um fonema, de uma sílaba ou da parte inicial de um vocábulo (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 4; DUBOIS et.al., 2014, p. 26) como pode ser percebido nos casos abaixo destacados:

01 ³	... a fulia <u>inda tá</u> , o pessual daqui, uns daqui, participa junto cum o povo ali de Três Bicu...
05	Ah, eis são... Assim, dá para percebê, né, porque eis são () a face assim, o jeito da face mai <u>rugado</u> por causa do sol, pur causa de trabalhá, essas coisa assim, acho qui dá pra...
11 – A	Não a minha lavôra é ali im cima. Eu trabalhava aqui, mas aí era, era <u>rendadu</u> , aí eis pidiru o <u>rendamento</u> , aí eu (...)
27	Importante pra, pra comunidade do Tercêro Distrito intêro eu achu qui é o Ceasa, porque os agricultores, eles agora <u>tão</u> se livranu dos atravessadores e <u>tão</u> inu vendê mercaduria no Ceasa...

Com exceção da aférese inicial do verbo *estar* no infinitivo e em suas conjugações, as demais realizações são bem representativas da variedade utilizada pelas famílias agricultoras do 3º Distrito de Nova Friburgo, apesar de também acontecerem em outros lugares, devido a sua recorrência e a diversidade de variáveis independentes que formam o contexto estrutural linguístico em que ocorrem. Cabe ressaltar, que o fenômeno foi percebido em todo o território pesquisado e pelos mais variados informantes.

3.2 SÍNCOPE

A síncope se caracteriza pela queda de um ou mais fonemas no interior de um vocábulo. Segundo Dubois et. al., estão mais sujeitas ao desaparecimento, as vogais e sílabas átonas (DUBOIS et. al., 2014, p. 516) e é o que ocorre, com poucas reservas, nos exemplos destacados:

03	...hoje meu tio falô qui ia <u>sufatá</u> côvi lá...
08 – A	Tinha gente na Conquista <u>cercanu</u> , tinha gente na Floresta <u>cercanu</u> , tinha gente pra Son Lorenzo, tinha gente no Alto de Viera.
09	A salsa tá sameadinha, tá <u>nascenu</u> , aí tem o cuentru pra rancá, tem u feijão <u>tamém</u> qui tá, já <u>maiózim</u> ...
17	Todo mundo se ajuda. Por exemplo, cabei lá esses dia <u>memo</u> passado lá, eu lá enrolado, meu pai saiu pra levar minha mãe, né, pra ela fazê fisioterapia, eu fiquei lá na minha salsa lá, <u>cortano</u> minha salsa, aí meu tio de lá cabô o qui tava <u>fazeno</u> , já chegô pra mim “ah () vô aqui te dá ãa mão”. Pô não pricisava ()

³ Os informantes foram identificados por números.

	é assim, a gente procura o auxílio do otro, na doença, na...seja no que for, eu acho que isso é [uma]a... muito bacana.
22	Eis fala Zé.
40	Não, os mininu ajudava nê (...) <u>quanu</u> ele num tava <u>trabalhanu</u> , ele ajudava, a mulhé quando <u>pudia</u> , mas ela sempre trabalhô fora, nê, doméstica.

De tais exemplos, são importantes as seguintes observações:

- A síncope em gerúndios, como já fora elucidado por Castilho (2012, p. 206), é muito presente. Ela só não ocorre quando a fala está sendo muito monitorada ou intencionalmente pausada. De uma forma geral, ela foi detectada na fala de todos os informantes, o que a coloca, nesses casos, como marcadora de identidade linguística local.
- Em sílabas tônicas e pré-tônicas também se observou a síncope, mas em palavras específicas, a saber: queda do *s* em *mesmo* e suas flexões, do *b* em *também*, e do *r* em *maiorzinbo*. No entanto, aqui houve instabilidade, principalmente, considerando a palavra *mesmo* que apresentou outras variações.
- A síncope do *d* na palavra *quando* oscilou bastante.
- A queda do *r* nas palavras *Centro* e *dentro*, que não são facilmente observáveis em outras regiões.
- A queda do *l* em *sufatá* se apresenta como uma mudança na região, pois a forma original *sulfatar* já quase não se observa. É interessante sinalizar ainda a extensão semântica desse vocábulo que na comunidade não se restringe a impregnar de sulfato, mas se relaciona a qualquer aplicação de defensivos na lavoura.

3.3 APÓCOPE

A apócope é a eliminação de um ou mais fonemas no final da palavra. Dubois et. al. (2014, p.56) chamam atenção para o fato de ser muito comum em línguas românicas a apócope dos infinitivos, como pode ser confirmado nos trechos abaixo. Todavia, as ocorrências encontradas são muito mais variadas:

6 – A	Tá mudanu pra <u>pió</u> , nê?
12 – A	...Tem abóbra, e nos temu um tomatizim <u>pico</u> tamém (...).
19 X	Agora qui pararu, qui existia era a fuguera de São João, <u>má</u> agora tá sendo em <u>Salina</u> .
19	... aí nós parava, prantava um <u>brócus</u> comum, americano, depende da época tamém.

22	Eu acho qui é a família mais tradicional, né? Todo mundo lá casado, assim, casado aí tem seus filhos, aí os filhos casarum, morum <u>per</u> deles, eu acho qui é mais tradicional. Aí se juntam.
----	---

28	O qui eu mais faço é <u>puxá</u> manguêra pra <u>sufatá</u> é, e <u>ajudá</u> a <u>colhê</u> tumate, jiló, essas coisa qui são mais fácil, num pego pesado não, só... <u>colhê</u> mesmo, colheita e <u>puxá</u> manguêra, <u>ajudá</u> nessas coisa, <u>adubá</u> ...
----	--

34	Eu num posso <u>trabalhá</u> muito qui eu tô istudanu, né, aí, eu ajudo meu pai na lavôra com as coisa mais <u>fáci</u> qui as <u>difíci</u> é ele qui faz
----	--

O fenômeno nos infinitivos não é uma marca identitária singular da variedade em questão, mas ele é de fato presente e bem marcado. Enquanto em outros falares o fonema caminha para o apagamento, aqui ele parece ter desaparecido (cabe um estudo quantitativo) e se estendeu para outros termos com _r final. A variação é muito produtiva também com _s e bem menos com o _l final. Entretanto, neste último caso, como em *difíci*, ele se faz mais característico dessa variedade, já que não é tão comum em outras. Em três situações se observou a queda de um conjunto de fonemas e não de um apenas: *per(to)*, *brócu(li)s* e *pico(lo)* – tipo de tomate *pícolo*. Os dois últimos exemplos, embora muito percebidos no convívio com a comunidade e, por isso, bem característicos, não foram registrados em quantidade significativa nas gravações. A palavra bróculis, como já fora presenciado em inúmeras vezes, também é muito pronunciada como *brocu*, que é ainda mais comum.

3.4 MONOTONGAÇÃO

A monotongação é a redução de um ditongo, ou ainda de um tritongo, em uma vogal (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 7; DUBOIS et.al., 2014, p. 388). O fenômeno pode ocorrer em sílabas na posição inicial, medial ou final de palavra e é muito comum em Língua Portuguesa.

3.4.1 Inicial

15 – A	<u>Cove</u> é ãa coisa que tu cortô, cabô, né?
--------	--

16	Acho que é rural <u>por casu</u> da Associação de Moradores que eu acho que começô já tem bastante tempo...
----	---

16	Acho que tem sim, porque, <u>condo</u> eu vô, tipo pra casa da minha, da ex mulhé de meu pai, lá tem muita coisa diferente...
----	---

23	Por conta dá agricultura, também. Criação di(:)... Não, mas aí é em casa eu acho que num é tanto, de, animais (...) tem, tem galinha, boi, tamém. (...) Eu creio qui é <u>por casu</u> da agricultura, de criações.
----	---

38 – B	... <u>condo</u> é na parte de cantá, eu canto, pode tê assim várias pessoa memo, tamém teve uma reunião aqui, tinha o quê?, na <u>faxa</u> de quatrucentas, quinhentas pessoa, né? daí pra frente mais ou menu, aí eu cantei, toquei, tranquilo, sabe? ...
--------	---

40	Qui são diferente? Quêli negóciu nê? A gente mermo qui tá, a gente num vê assim muita diferença nê, a <u>maoria</u> qui vem de fora, qui vê...
----	--

Nos casos de monotongação em sílaba inicial, percebe-se que ela ocorre com bastante frequência nos ditongos decrescentes dos quais permanecem a vogal. Porém, chamam atenção como caracterizadores desta variedade linguística, especialmente, os casos:

- _qua_ > _con_: como em *condo*, em que se verifica o fenômeno em ditongo crescente e junto a ele uma assimilação do traço de arredondamento da vogal posterior e, em seguida uma nasalização, muito peculiar da região;

- _au_ > a: como em *por casu*, em que houve, além da monotongação, a hipértese do _u_, ou seja, a transposição desse fonema para a sílaba seguinte, provavelmente provocada pela necessidade da dissimilação desse som para diferenciá-lo do anterior no mesmo vocábulo;

- a queda do _i_ em *maoria*, fenômeno pouco visto em outras variedades.

3.4.2 Medial

04	Totalmente diferente, porque lá é poucas coisas qui a gente acha de <u>lavôra</u> , essas coisas. Mais urbanização.
----	---

13	... A gente, eu e minha irmã, a gente colhe quase todo santo dia. De segunda a segunda, tá? Qui aí no sábado, a gente só não vai colhê agora sexta-fêra qui é feriado e não vai tê <u>colhêta</u> ...
----	---

18	Eu acho qui é do <u>Tercêro</u> Distrito <u>intêro</u> .
----	--

20	Então por <u>enconto</u> ainda não foi, não foi ainda (...)lá pra Baxada de Salinas.
----	--

A redução medial ocorre basicamente enquanto sílaba tônica nos ditongos decrescentes _ei_ e _ou_, sendo comum na Língua Portuguesa do Brasil (CASTILHO, 2012). No entanto aqui, chamam atenção como peculiares à região pesquisada as palavras *colhêta* e *enconto* no lugar de *enquanto*. A segunda, que apresenta o mesmo processo de transformação de *condo*, não ocorreu em quantidade muito significativa nem homogênea. As demais manifestações foram comuns em todas as variáveis.

3.4.3 Final

09	<u>Mudô</u> assim o jeito de trabalhá, nê? <u>Facilitô</u> , porque antigamente as coisa era mais difícil, nê? Hoje em dia assim tem tratô pra lavrá a terra, pra sulfatá <u>ficô</u> mais fácil, qui tudo era mais difícil nê?
26	Meu pai já <u>trabalhô</u> no caso, quando eu era... (...), mas depois ele <u>passô</u> a trabalhá só cum tempero, lôro.
33	Não <u>chegô</u> , tinha a possibilidade de chegá, mas <u>ficô</u> muito caro, <u>ficô</u> quase mil reais pra cada um, ((interferência)) num sei se foi porque pocas pessoa ou porque é muito longe. Eu acho qui era os dois, entendeu? Aí <u>ficô</u> muito caro, aí a gente <u>optô</u> por não botá.
38 – B	Mas pra dá uma palavra já <u>sô</u> meia tímida, não <u>sô</u> aquela, boa não.

As reduções de ditongo final foram percebidas quase que em sua totalidade em verbos da primeira conjugação flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito e com os verbos ir e ser na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Em ambos os casos a terminação *_ou* se transformou em *_ô*. Esse fenômeno parece ser muito produtivo no português e na região foi bastante democrático.

3.5 METAFONIA

A metafonía se caracteriza pela modificação no timbre ou na altura de uma vogal (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 8) por influência de outra próxima a ela (DUBOIS et. al., 2014, p. 381). O fenômeno pode ocorrer tanto como uma elevação quanto como um abaixamento da altura da língua no momento da pronúncia do som vocálico, que pode estar em posição de sílaba pré-tônica, tônica ou pós-tônica e pode ser, ainda, motivada por outros processos.

3.5.1 Elevação da vogal pré-tônica

04	COM CERTEZA! Se <u>pricisá</u> falo!
05	Sim... qui <u>faltava</u> muito, num tinha posto de <u>gasulina</u> , agora tem, é, sumercado, tá abrindo mais mercado, mercadinho ...
07	Qui(:) eu(:) prantava é quase a mesma, porque na época do meu pai já era outra cultura, mas eu já peguei a cultura da salsa... cove minera... hoje em dia

	eu já planto <u>cuentro</u> , eu não prantava <u>cuentro</u> , nem alface, hoje em dia eu já planto mais <u>cuentro</u> e alface (interferência auditiva...) mais folhagem
08 – A	... O <u>minino</u> aqui, ali em cima, foi durmi <u>dibaxo</u> de um caminhão, e mãe caçô de um lado (...) depois qui o <u>minino</u> acordô, ele tava durmino <u>dibaxo</u> dum caminhão, aí cê vê bem nê?
10	É, purque as vezi a gente, meu marido dependeu de i, i nu Rio, qui a gente tem descenu pru Ri, direto, aí logo falô cum, cum rapazim qui trabalha ali nu Barracão, o rapazim do Barracão já falô cum otru rapaz qui levo a gente (...) num <u>pricisô</u> nem a gente i na casa dele pra <u>pidi</u> , (...) todo mundo ajuda.
11 – A	SIM, TEM é(:) rur,(...) é divedi nê? Qui muitas pessoa trabalha de impregado sai pra trabalhá, mas a <u>maiuria</u> é rural.
11 – A	Mais frio, mais frio, vamu botá assim, quando o tempo vira, a(:) aqui dá <u>nibrina</u> , pra baxo é difíci dá.. intão muita das hora qui tá <u>nibrinanu</u> , pra li pra baxo tá um tempo bão, intão tem uma diferençazinha, eu creio eu qui(:)...
13	É <u>Patrucínio</u> , isso.
26	..., eu era <u>piquenu</u> eu <u>divia</u> tê um, uns três ano, eu ainda lembro, mas depois ele passô a trabalhá só cum tempero, lôro.
30	Ali no Campestre tudo parente, né, todo mundo parente mesmo, só agora qui veio (...) uma mulhé que mudô po lado de casa <u>ontiontem</u> assim, mas o resto é tudo parente, tudo...
40	Nada! Agora otrus vão ouvi minha voz, (...) não, se ouvi também num tem <u>pirigo</u> não.

A elevação da vogal pré-tônica é um fato observado com frequência na Língua Portuguesa do Brasil (CASTILHO, 2012). Todavia, sua ocorrência, em alguns casos, está fortemente ligada a condições diatópicas e, por isso, por vezes é indicador dialetal. Nas situações acima, como em grande parte dos fenômenos desse tipo, o alteamento se deu, majoritariamente, de *e* > *i* e de *o* > *u*, e aqui chamam atenção ocorrências típicas do local como *maiuria*, que compete com a outra forma empregada pelos moradores que é *maoria*, e *Patrucínio*. Algumas dessas realizações parecem ter sido motivadas por uma harmonização ou, ainda, assimilação da vogal vizinha, assim como alertaram Dubois et. al., como em *minino*, *pricisá*, *pirigo*, *nibrina*, *pidir* e *divia*, destacando-se o termo *ontiontem*, bem característico dos moradores mais antigos da região. Outras, talvez, tenham sido motivadas pelo processo oposto, ou seja, a dissimilação para diferenciar o fonema

daqueles semelhantes no mesmo vocábulo, como em *foltava*, também bem peculiar. Por fim, mais uma particularidade recai sobre a palavra *cuentro* que, além de apresentar elevação da vogal *o*, caminha para a ditongação onde comumente se pronuncia um hiato.

3.5.2 Elevação da vogal tônica

12 – A	... Aí num deu certo, <u>separemu</u> . Aí, é... a mãe dela fomo, <u>juntemu</u> os pano e fomo morá junto. Tem 28 ano.
15 – A	Aí meus colega, <u>nós entremu</u> junto. Eles ia subindo de série e aquilo pra mim quando eles ia e passava, eu não passava, pra mim não tava nem ai. (...)
41	Pra mim, pra nós aqui, é... é o nosso, é o nosso ganha pão, é o nosso, é o qui <u>nós aprendimu</u> fazê, vem de geração nê, vem do meu pai, a gente tem um sítio, e esse sítio tem possibilidade de se torná até otras coisas nê, por assim... turístico e tal, mas a gente vivi da agricultura nê, intão a gente, é isso qui a gente é.
42 – B	Purque tamém nós <u>moremu</u> em Friburgo.
42 – A	É a gente... fomu, arrumamu uma padaria lá e fomu, lá cum-, <u>fiqumu</u> cum a nossa, cum a minha cunhada, aí a gente ficou um tempo lá, mas aí num deu certo.

A vogal tônica aqui coincide com a vogal temática. A alteração da altura, principalmente *a* > *e*, já é um fenômeno conhecido na literatura sociolinguística sobre variação em áreas rurais, mas sua explicação não é consensual entre os especialistas. Bortoni-Ricardo, como o já colocado, afirma que a alternância vocálica serve à distinção entre o pretérito perfeito e o presente do indicativo. Já Zilles, Maya e Silva registraram:

a seguinte distribuição das ocorrências de vogal temática /e/ em lugar de /a/, *andemo* em lugar de *andamo(s)*: 22 ocorrências no Presente do Indicativo (20 com desinência *–mo* e 2 com desinência padrão) e 22 ocorrências no Pretérito Perfeito, todas com a desinência *–mo*. Assim, nossos dados, de fato, não sustentam a relação que vem sendo feita na literatura entre o uso de vogal /e/ em lugar de vogal /a/ e o tempo verbal Pretérito Perfeito. (ZILLES, MAYA, SILVA, 2000, p.212)

Entretanto, os registros do 3º Distrito de Nova Friburgo indicam ainda uma outra alternância vocálica além da que ocorre em verbos da 1ª conjugação, a elevação de *e* para *i*, e em todos os casos registrados o fenômeno ocorreu em tempo pretérito, em conjunto com o enfraquecimento da vogal final (*o* > *u*). Provavelmente, a transformação fonética da vogal temática seja um dos processos variantes mais identitários da região, embora também seja observado em outros locais, principalmente porque ocorre ainda em outra conjugação verbal. O tempo de convivência na comunidade mostrou que esse é um

metaplasmo muito produtivo e democrático, ocorrendo em todas as variáveis independentes. Ademais, o contato com a população em outros ambientes aponta para o uso consciente dessa elevação como uma marcação de identidade regional por meio da língua. É comum ver, nas redes sociais dos jovens, a seguinte passagem como legenda de suas fotos: *#rebentemo*. Normalmente a nota vem associada a um grupo de moradores que praticou alguma ação digna de orgulho, que para eles está vinculada a sua origem. Se esta não fosse uma pesquisa que permitisse o contato com os informantes para além das entrevistas, talvez essa observação não pudesse ser realizada, uma vez que os dados não correspondem fielmente à realidade.

3.5.3 Elevação da vogal pós-tônica

Normalmente a elevação da vogal pós-tônica coincide com o abrandamento da vogal final: *e > i* e *o > u*. Assim, como já fora colocado, sendo esse um fenômeno comum em tantos outros territórios, não foi considerado para fins de análise aqui, já que não é marcador de identidade local. Contudo, ele também pode ocorrer em outras situações, mas em números bem menos significativos que os outros casos. Nas audições foi possível observar o seguinte exemplo como o mais saliente:

01	In(d)endeu? Cada propriedade tem um nomi. Até qui agora essa propriedade até tem <u>númiro</u> , somu anumerada, in(d)endeu?
----	--

3.5.4 Abaixamento de vogal

O abaixamento de vogal também parece ser um fenômeno bem característico da região em questão e ocorre nas mais variadas posições silábicas e em distintos processos de transformação, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

06 A	– Graças a Deus tudo bem, num tem, Graças a Deus, confusão nenhuma, <u>vevi</u> todo mundo bem...
---------	---

09	A salsa tá <u>sameadinha</u> , tá nascenu, aí tem o cuentru pra rancá, tem o feijão tamém qui tá, já maiózim...
----	---

11 - A	SIM, TEM é(:) rur,(...) é <u>divedi</u> nê? Qui muitas pessoa trabalha de impregado sai pra trabalhá, mas a maiuria é rural.
--------	--

12 - A	– Aqui do jeito que a gente <u>vevi</u> aí já tem as criação da gente, ninguém mexe em nada, roça da gente ninguém mexe em nada da gente. Então tá bom, né?
--------	---

12 - A	Aí se dependê (()) vem algum <u>calabora</u> , má, má a maió parte, num... Cada um pra si praticamente, né?
--------	--

12 – A	Tem muita gente já, negoço de muita gente demais, já cumeça <u>safoca</u> , fazê a parte do otro, né?
16	A gente <u>asseste</u> televisão, minha mãe tem vez que fica no quarto assim, só, só isso. E eu vô pa casa da minha família qui mora perto.
19	Não. É ... <u>vareia</u> de lugá pra lugá...
37	Não, mas tem algum lugar que é mais <u>deferente</u> , mas que eu fico só aqui nesse canto (...) Não. O que eu vejo <u>deferença</u> um cadim é na Ceasa.
41	... a tecnologia ela vem pra ajudá, mas muitas vezes no, nos <u>distancia</u> também dos otros, nê. E nós temu o telefone hoje, antão, tu vai falá cum vizinho...

Merecem proeminência nesse processo: a realização de *vareia* e *distancia*, que, além do decesso vocálico, apresentou uma ditongação; e o fato de o abaixamento acontecer em verbos ou em vocábulos deverbais. O fenômeno, juntamente com a alternância da vogal temática, faz dos usos fonéticos das conjugações verbais uma das variações mais representativas da fala local.

3.6 ROTACIZAÇÃO OU ROTACISMO (E ASPIRAÇÃO)

O rotacismo é conhecidamente um fenômeno típico do falar rural quando encontrado na transformação de *l* intervocálico ou em posição final de sílaba em *r* (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 7). Contudo, diacronicamente também foi caracterizado pela substituição da sibilante sonora [z] em [r] (DUBOIS et.al., 2014, p. 489), ou ainda, “à mudança sonora em que um som não-rótico torna-se um rótico” (COSTA, 2006). Hoje, esses últimos eventos são mais comumente classificados como casos típicos de aspiração (RODRIGUES, 2012; ARAGÃO, 2010). Esta pesquisa registrou de forma muito significativa as duas possibilidades de transformação fonética, rotacismo e/ou aspiração, como se observa nos seguintes exemplos:

04	Mais ou menos... pur enquanto não mudou qui é a <u>merma</u> coisa nê? Istudá, ir pra casa, só, achu qui daqui uns anos vai mudá , eu vo começá a trabalhá e tudu...
11 - A	Mais frio, mais frio, vamu botá assim, quando o tempo vira, a(:) aqui dá <u>nibrina</u> , pra baxo é difíci dá.. intão muita das hora qui tá <u>nibrinanu</u> , pra li pra baxo tá um tempo bão, intão tem uma diferençazinha, eu creio eu qui(:)...
19	Hoje nós tão <u>prantano</u> cuentro, alface, feijãozim e salsa.

24	Dá, dá pra conhecê sim. Ah, o tipo de falá, jei – jeito de... de se vисти tamém mucado, é diferente mucado, né? Qui tem <u>rente</u> qui, qui mora na roça, mas se <u>verti</u> bem e aí, aí fica mei difícil também, né? Eu acho...
34	É, <u>Grobo Esporte</u> , futebol e alguns filme e novela tamém, qui eu gostu de vê, eu e meu pai, a genti vê direto.
38 - A	Não, só muda um cadim é o <u>crima</u> , né? Mas em si a comunidade intera, ela gera um conjunto, né? Assim acredito e pelo que eu convivo assim cum o pessoal é o <u>mermo</u> conjunto de, da população, <u>merma</u> amizade, e se <u>incrui</u> a Salina intera, né?
42	Não, já tem um bom tempo qui a gente num <u>pranta</u> .

Percebe-se na maioria das realizações do verbo plantar a rotacização do /l/, muito comum também em outros encontros consonantais perfeitos. Os demais casos, tipicamente compreendidos como aspiração, ocorrem em final de sílaba, principalmente com o _s e na transformação do *gente* em *rente*, uma especificidade mais encontrada no cotidiano do que nas audições.

3.7 DESNASALIZAÇÃO OU DESNASALAÇÃO

A desnasalação ocorre quando a pronúncia de um fonema nasal se torna oral (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 6). Nos casos registrados por esta pesquisa, o processo se deu por conta da ou em conjunto com a queda da consoante nasal ou da vogal posterior a que se desnasalizou. Em ambos os casos, concomitantemente, houve uma monotongação. O fenômeno também ocorreu bastante sem, no entanto, ser homogênea e funcionar como regra geral, ou seja, houve oscilação.

03	...modu da pessoa lidá <u>cu</u> você, falá <u>cu</u> você...
05	Acho qui o o lugar ali onde se distacô mais foi a quadra qui eis <u>fizeru</u> ...
15 - B	As mulhé lá, maioria tudo trabalha em Friburgo, então é muito difícil assim as mulhé que trabalha na roça sabe? Os <u>homi</u> alguns sim ()...
21	É, <u>bença</u> , beijo na mão. Os mais velhos sempre, né? Padrim, madrinha eles beijam a mão dos mais velhos.
23f	Tem mais sempre tem aquelas richinhas qui as famílias tem uma <u>qua</u> outra, tipo assim...

32	... saiu um <u>reportagi</u> dele, do negócio da TV...
36	E quando as vezes chamam, aí eles vão, até <u>onti</u> memo teve uma fuguêra de São João lá Salinas, só qui não chamou o Mineiro-Pau daqui nem quadrilha, né, aí não participam, mas quando chama, eles...

3.8 NASALIZAÇÃO OU NASALAÇÃO E OUTRAS ALTERAÇÕES NA NASALIDADE

A nasalação é o processo oposto ao narrado anteriormente, sendo, portanto, a transformação de um fonema oral em nasal, como pode ser observado nas seguintes realizações:

16	Praticamente todo. Porque muita gente num <u>instudô</u> . Cada um tem seu jeito.
16	É, tem o jeito mais simples qui o pessoal de lá. <u>Ingual</u> minha irmã...
24	É tem, <u>ingual</u> tem gente qui sabe de um produto qui, qué bom pa lavôra os oto vai e passa pra gente, tendeu? Aí fala se tá, <u>ingual</u> tem terra aqui qui sabe qui dá um, <u>ũa</u> virose assim qui a gente num conhece, aí os oto fala. <u>Ingual</u> tem sociação pra issu, qui aí eis vão, comunica e fala um po oto.
34	É <u>invangélico</u> .

Nos primeiro e último casos, percebe-se, ainda, o alteamento da vogal nasalizada. Todos os exemplos acima se configuram como modelos clássicos de nasalização já registrados tanto no português popular quanto nas variedades rurais. No entanto, foram encontrados outros processos, mais complexos e mais característicos dessa região, envolvendo a nasalidade. Como em:

01	Não! Aqui géralmente o nome do lugá é <u>Son</u> Lorenzo, ma cada sítio tem um nome.
16	Praticamente todo. Porque muita gente <u>num</u> instudô. Cada um tem seu jeito.
19	É, pode ser... <u>Son Lorenzo</u> , Brandi. <u>Son Lorenzo</u> ainda tem umas trilhas () ponto turístico, assim tamém.

Aqui, houve a queda da vogal nasal e uma consequente monotongação e a nasalidade foi assimilada pela vogal remanescente. Entretanto, em *Son* ocorreu um abaixamento dessa vogal, o que não foi notado em *num*. Já na realização dos artigos

indefinidos femininos e em seus afins como o pronome indefinido *alguma*, observou-se a síncope de *m*, enquanto a nasalidade da vogal anterior a ela foi acentuada. Além disso, houve a formação de hiato entre as vogais mantidas, como se nota abaixo:

05	se tivé algum trabalhe, <u>algũa</u> coisa eu faço e vô na casa du meus amigu ...
13	Não, assim, eu acho que Santa Cruz tá assim tipo mais um bairrozim, né, mais <u>ũa</u> cidadizinha, que lá é roça, má se vê que tem pouca lavôra, né? Mas assim, São Lorenço tem bastante roça, Baxada de Salinas também.
14	Todo mundo se conhece, intão bastó passá <u>ũa</u> pessoa diferente, todo mundo sabe qui é de fora. É, o pessoal qui morum aqui, qui já tem casa há bastante tempo, a gente já conhece, né?
15 - A	Mas só que <u>ũa</u> professora dava aula pra <u>ũa</u> série, a mema dava aula pra mais aula. Tinha dois livro lá: um pra mais e...
17	São é muito assim, não liga pro seu modo de se vestir, num, num visa o jeito que cê chega lá, por exemplo, se você é rico se você é podre, se você é o que for, acho que é <u>ũa</u> , <u>ũa</u> comunidade assim... de um modo geral muito tranquila, muito hospitalêra.
18	... são todo mundo assim igual, vive <u>nũa</u> sociedade bem ali, coletivo ali, todo mundo se reúne cá na associação de moradores, todo mundo debate ali o que a localidade precisa. Eu acho isso.
19	Começa pra cima, pra cima do IBELGA e termina perto da encruzilhada do Brandi, e tem <u>ũa</u> casa dividino lá no Brandi também.
21	Tem a.. broa de milho, tem .. ricota, a chimirra no caso. (()) Ah não sei, eles fazem <u>ũa</u> confusão.
26	Todo mundo, se bem dizê, todo mundo, tem sempre, tem uns qui, não se fala, mas maioria se ajuda ou se precisa de <u>algũa</u> coisa dento do lugá pra alguém to-, acho qui a comunidade toda se ajunta e faz ... () o povo, eis se relacionam bem.

3.9 DESPALATIZAÇÃO

A despalatização “é o nome dado à transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral” (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 8). Além da típica iotização do */l/*, já descrita por Castilho (2012), nos falares rurais, torna-se bem simbólico da variedade aqui descrita

a nasalação do i final após a queda da palatal nh, devido à assimilação da consoante m. O processo se evidencia principalmente por conta do vasto uso de diminutivos na região, em todas as variáveis independentes consideradas. Esse último caso pode ser considerado, por sua frequência, uma marca linguística simbólica dos falantes entrevistados.

01	Não...eu acho qui deu uma <u>mioria</u> , né? Claro! <u>Miorô</u> muito, porque a gente, foi... quando era piqueno pra agora deu UMA...uma mudança boa, mas num sei no que qui issu pode ajudá vocêi 3 i.
----	---

15 - A	...a maioria desses meero <u>trabaia</u> com eles...
--------	--

22	É diferente, né? As pessoas tipo lá no Centro as pessoas falam muito <u>certim</u> . Minha tia mesmo fala: “tudo tem que ser <u>certim</u> , com s, todos os s possível”. Aqui a gente fala mais solto, mais a vontade, digamos assim.
----	--

24	Eu num sei, eu acho qui não (()) é pra um lugar lá indo pra Teresópolis, assim têm uns <u>camim</u> assim, qui entra lá, aí é longe o <u>lugazim</u> ...
----	---

29	É tudo <u>coladim</u> assim, tem alguns qui num é da minha família, mas perto tamém, conhecido.
----	---

31	Porque o pessoal daqui sempre age pensanu mais nos otros tamém, se tem um legume em casa já, vai dividi cum <u>vizim</u> .
----	--

32	Lá pro Alto de Salinas parece qui eis são, um <u>poquim</u> pior, pareci qui o <u>rocerim</u> deles foi um <u>poquim</u> mais evoluído (risos).
----	---

37	Não. O que eu vejo deferença um <u>cadim</u> é na Ceasa.
----	--

3.10 PARAGOGUE OU EPÍTESE

A paragoge consiste no acréscimo de um fonema ao final de uma palavra. Nas manifestações encontradas em Nova Friburgo a adição i se deu após as consoantes s e z. Todavia, o fenômeno não ocorreu de forma isolada, outros processos o acompanharam. Na maioria das realizações houve palatização das fricativas alveolares, acompanhada pela ditongação da vogal anterior.

01	Eu não sei no que qui issu pode ajudá vocêi 3 i ⁴ .
----	--

⁴ Aqui optou-se pela transcrição fonética para ser mais fiel à pronúncia da comunidade.

05	... vô na igreja, aí assim é, eu vô bastante na igreja, e tem uma banda, aí eu sempre, assim, tem bastante <u>vezi</u> qui a gente marca insaio pra insaiá essas coisa assim...
07	A broa de fubá qui a [nome da pessoa] <u>fai[3]i</u> e eu acho qui é só! Só isso mesmo...
07	Ah, agora eu num tô trabalhandu, nê? Purque eu tô cum ela, <u>mai[3]i</u> é, levanto de manhã, vô pá roça...
18	Santa Cruí[3]i.
36	É, tem, na casa da minha mãe aí tem, ela <u>fai[3]i</u> é <i>chimirra</i> ⁵ , quando tem a vaca danu leite, tem o queijo né, tem a broa de milho qui eis <u>fai[3]i</u> né e tem essas coisas assim, né.
40	Mais contato, é Centenário, Santa Cruí[3]i, Baxada...
41	... antigamente a gente ia na casa, conversava, tomava um café é, mostrava lá uma criação: “oh, minha criação criô e tal”, hoje, hoje já num <u>fazi</u> mais isso...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando da relação entre a variedade rural do 3º Distrito de Nova Friburgo e o Português Popular Brasileiro, caracterizado por Castliho (2012), há de fato muitas interseções. Muitos também são os traços comuns entre esse e outros falares rurais como, por exemplo, aquele pesquisado por Bortoni-Ricardo. Todavia, existem distinções responsáveis por construir a identidade linguística local e, consequentemente, caracterizar o território pesquisado como uma *arquicomunidade de fala*.

Nos aspectos fonéticos, percebeu-se que, no interior friburguense, a aférese é um fenômeno bem representativo e corresponde à perda da vogal inicial átona registrada no português popular e nos migrantes rurais de outras regiões. A síncope e a apócope, principalmente dos gerúndios e dos infinitivos, respectivamente, também são bem características, mas enquanto os outros estudos apontam para um processo de apagamento, aqui os fonemas parecem já ter desaparecido da fala não monitorada. A rotacização, especialmente do verbo plantar, intrinsecamente ligado ao cotidiano da comunidade, e suas flexões, foi comumente empregada. Fenômenos como prótese, epêntese, metátese e betacismo, registrados por outros estudos, não foram significativos, assim como a retroflexão do *r*.

⁵ *Chimirra* é o nome dado a um produto alimentício local, produzido a partir do leite de vaca, com textura pastosa, normalmente consumido com broa, pão ou biscoito.

No que se refere aos metaplasmos que afetam as vogais, não foram características fortemente marcadas a ditongação e o apagamento final, mas houve também muitas aproximações, como a monotongação dos ditongos decrescentes, a desnasalação em final de palavra e a nasalação de algumas vogais. No primeiro caso, no entanto, chamaram atenção as reduções de ditongo na palavra *maoria* e nas construções com a palavra *causa*, que se transformou em *casu*, e com as palavras *quanto* e *quando* e suas afins, que se modificaram para *conto/condo*, como o já descrito. Já no último, chamaram atenção, como marcadores identitários: a transformação da oral em nasal no emprego das formas de artigo e pronomes indefinidos femininos (uma/alguma); e o reincidente uso de diminutivos com despalatização e nasalização na última sílaba; ambos não descritos nos trabalhos anteriores. Por outro lado, a nasalação de vogal inicial apontada por outros autores como característica dos vernáculos rural e popular não foi uma ocorrência tão observável por esta pesquisa. A metafonía também foi bastante registrada nas entrevistas realizadas em Nova Friburgo, destacando-se principalmente aquelas realizadas nos verbos e palavras deverbais, como a elevação da vogal temática e o abaixamento de algumas vogais com mudança na tonicidade silábica. Embora, esses fenômenos tenham sido percebidos em outros territórios, aqui ele é conscientemente utilizado pelos jovens como caracterizador de suas origens. Por fim, a paragoge em conjunto com a palatização das alveolares também foi bastante peculiar.

É importante ressaltar que a recorrência dos fenômenos analisados e a democracia com que se distribuíram no campo de pesquisa configuram de fato a existência de uma *arquicomunidade de fala*. O que se pretendeu foi publicizar esse panorama para que outras possíveis investigações possam surgir e aprofundar os dados aqui apresentados, visto que nenhum estudo sociolinguístico havia sido feito nessa região até então. É mister, para o refinamento da análise e aprofundamento da compreensão dessa variedade, dar um tratamento quantitativo para esse levantamento inicial. Como exemplo dessa necessidade, cabe levantar uma última hipótese: os traços característicos da fala local parecem mais evidentes gradualmente nos seguintes grupos: pessoas mais velhas, com baixa escolaridade; homens; estudantes do curso de agropecuária. Essa percepção não significa que os aspectos encontrados não sejam simbólicos de toda a *arquicomunidade*, mas que eles foram percebidos com menos esforço nas audições de tais grupos, apontando para as seguintes conclusões preliminares: como alertado por Bortoni-Ricardo (2005) e Cardoso (2015), a escolarização auxilia na monitoração da fala; os homens e os meninos apresentam menos necessidade de controlar sua variedade e, talvez, menos vergonha dela; as mulheres e as meninas, como apontado em outras pesquisas, parecem mais inovadoras dentro de sua própria comunidade linguística; o fato de os estudantes optarem por cursar agropecuária já sugere uma maior identidade com o local e suas atividades econômicas, o que os mantém em estreito contato com agricultores mais velhos e seus espaços de prática – majoritariamente masculinos –, configurando comunidades de prática, que facilitam a manutenção do código. Enfim, essas possibilidades levantam a necessidade de outras inúmeras discussões e empreitadas que merecem ser realizadas.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. *Graphos*. v. 12, n. 2, 2010.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.
- BHABHA, Homi, K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa. *Anais do CLUERJ-SG*, São Gonçalo-RJ, v. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 11, p. 53-75, 1998.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Revista Alfa*, vol. 18/19, p. 115-153, 1973.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A hora e a vez do português brasileiro. *Arquivos do Museu da Língua Portuguesa*. Disponível em: <www.estacaodaluz.org.br>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COMERFORD, John Cunha. Comunidade Rural. In: MOTTA, Márcia. (Org.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Luciane Trennephol da. *Estudo do Rotacismo: variação entre as consoantes líquidas*. 2006. 167 f. Dissertação de Mestrado (Instituto de Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DUBOIS, Jean. et. al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2014.

ECKERT, Penélope; MCCONNELL, Sally. Comunidade de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Org.). *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FRAZÃO, Gabriel Almeida. “*A serviço da formação do jovem rural*”: desafios e contradições na atuação do CEFFA CEA Rei Alberto I como agente do desenvolvimento do meio. 2015, 206 f. Tese (Doutorado – CPDA). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte-MG, p.1-20, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski. *Mulher, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em análise de conversa. *Vereda: estudos da linguagem*, v. 6, n. 2, p.89-113, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Victor Pereira de. *Repensando o rural sob o prisma das urbanidades, em Nova Friburgo, RJ*. Curitiba, PR: CRV, 2011.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Org.). *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Ana Germana pontes. A realização variável das fricativas no português brasileiro. *Sociodialeto*. Campo Grande-MS, Vol. 2, N. 1, p 1-22, jul. 2012.

SEVERO, Cristine Gorski. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguística. *Revista Letra Magna*, ano 4, n. 7, 2. sem. 2007.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice; MARTINS, Marco Antonio. O banco de dados Fala-Natal: uma agenda de trabalho. In: FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

OUSHIRO, Livia. Transcrição de entrevistas com o ELAN. In.: FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. A língua falada em Alagoas: coleta e transcrição de dados. In: FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ZILES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinsk. e SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Penambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, v.14, n.28-29, p.1-25, 2000.

Recebido em: 04/12/2017

Aprovado em: 26/01/2018

Publicado em: 01/03/2018